

HÉRNIA INGUINAL EM SUÍNO – RELATO DE CASO

Livia Martins SANDOVAL¹, Luis Felipe Fernandes REITER¹, Bruno Luiz Perin BATTISTELI², Eduardo Michelin do NASCIMENTO², Camila ALMEIDA-FRANCIA³, Bruno César SCHIMMING³, Kátia Aparecida da Silva VIEGAS³, André Luis FILADELPHO³,

¹Discentes do Curso de Medicina Veterinária da UNESP – Campus Botucatu

²Discentes do Curso de Medicina Veterinária da UFPR – Campus Palotina

³Docentes do IB/UNESP – Campus Botucatu

RESUMO

O termo hérnia inguinal refere-se à passagem de parte do conteúdo abdominal através do canal inguinal. Embora a passagem do conteúdo para o escroto pelo canal inguinal seja denominada “hérnia escrotal”, o termo “hérnia inguinal” também é usado para designar ambas as situações.

Palavras chave: canal inguinal, suíno.

INGUINAL HERNIA IN SWINE – CASE REPORT

ABSTRACT

The term inguinal hernia refers to the transference of an amount of abdominal content through the inguinal canal. Despite naming the transference of hernial content to the scrotum through the inguinal canal “scrotal hernia”, the term “inguinal hernia” is also used to refer to both situations.

Keywords: inguinal canal, swine.

1- INTRODUÇÃO

A hérnia inguinal no suíno apresenta-se como uma saculação arredondada e pedunculada de tamanho variável localizada na região dos anéis inguiniais (hérnia inguinal ou escrotal) e umbilical (hérnia umbilical) (Sobenstiansky, 2007) e possuem ocorrência em ambos os sexos, mas sua incidência é prevalente nos machos em relação nas fêmeas (Adams, 1990).

O canal inguinal consiste numa passagem da cavidade abdominal para o exterior que se estende do anel inguinal interno ao anel inguinal externo. Caso o anel interno e o canal sejam muito relaxados, uma alça intestinal pode passar através do segundo para o interior do escroto, produzindo assim, uma hérnia inguinal (Frandsen, 1979).

As hérnias podem ser classificadas em congênicas ou adquiridas. Acredita-se tratar de uma patologia hereditária que, apesar de mencionada como condicionada em machos pelos genes autossômicos recessivos 'h', foi constatado que tal genótipo não afetava fêmeas (Runnells, 2001).

Casos como este ocorrem com incidência de 1% a 7% ocorrendo majoritariamente em machos (Sobestiansky, 2007). Normalmente percebe-se durante ou após a castração do animal que as vísceras estão sendo expelidas, formando uma saculação arredondada e peduncular. Em fêmeas as hérnias são mais frequentemente encontradas na forma umbilical.

2- RELATO DE CASO

Foi doado ao Laboratório de Anatomia da Universidade Federal do Paraná – Setor Palotina um espécime de suíno, fêmea, SRD, 55 dias, oriundo de granja multiplicadora de animais para abate da cidade de Abelardo Luz, Santa Catarina. O animal em questão, tendo sua paternidade de um híbrido comercial e a maternidade de uma matriz F1, foi encaminhado em seguida para o laboratório de anatomia do IBB/UNESP – Campus de Botucatu onde procedeu-se a fotodocumentação e posterior fixação em solução aquosa de formol a 10%.

Após o preparo do animal para dissecação, foi analisada uma protuberância de tamanho notável na região do anel inguinal, sendo suspeita a ocorrência de uma hérnia. Apesar de hérnias nesta região serem muito mais comumente observadas em equinos, uma vez que estes animais possuem o canal inguinal congenitamente grande (Frandsen, 1979), tratava-se de um caso de hérnia inguinal em suíno.

3- DISCUSSÃO

Em vida, os diagnósticos das hérnias podem ser feitos através de palpação minuciosa com o animal em estação ou em decúbito. Dessa forma, é observado se o animal demonstra inquietação, sensibilidade à dor e também pode ser analisada a temperatura local e a capacidade de redução da saculação. O prognóstico para os casos como o aqui citado é frequentemente favorável, com intervenção cirúrgica ou não cirúrgica, sempre dependente do tamanho do anel da hérnia. Ao buscar referências da ocorrência dessa malformação, foi encontrada a menção de uma investigação feita em uma estação de pesquisas agrícolas no estado de Wisconsin,

nos Estados Unidos, onde as hérnias mais comuns em suínos são as dos tipos inguinal, escrotal e umbilical, e todas são de importância econômica (Runnells, 2001). No estudo, 1.68% dos machos apresentavam hérnia inguinal e 0.6%, umbilical. Referente às fêmeas, foi citada apenas a porcentagem de ocorrência do tipo umbilical e curiosamente nada foi dito sobre a incidência de hérnia inguinal nas mesmas. Ainda sobre o mesmo experimento, cachorros foram cruzados com fêmeas que tinham parentesco entre si. Ambos os pais vieram de rebanhos com a incidência, no último ano, de hérnia inguinal em 7.49% dos porcos machos. Entre outros procedimentos, foi observado que após o cruzamento, a incidência de hérnia passou para 14,28% nos machos na primeira geração e para 42% na segunda. Os pesquisadores concluíram, portanto, que a hérnia em suínos machos é determinada por um caráter hereditário condicionado pelo genótipo duplo recessivo de um determinado par de genes. Entretanto, as fêmeas encontradas que possuíam esta mesma configuração genética eram normais.

Por outro lado, o Manual Merck de Veterinária afirma que a hérnia inguinal é bastante frequente tanto em suínos machos quanto em fêmeas e que pode ser facilmente corrigida com intervenção cirúrgica, sendo esta unicamente indicada quando a extensão do processo limita o crescimento do animal de acordo com o ganho de peso esperado pelo mercado.

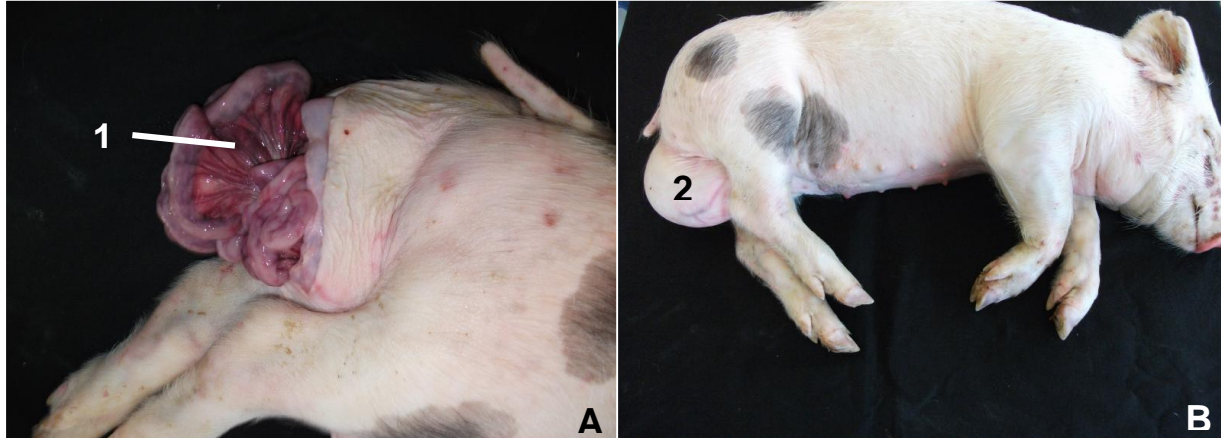
4- CONCLUSÃO

No desenvolver das discussões acerca do caso aqui abordado e dos relatos já existentes nas literaturas, foi observado que a hérnia inguinal, apesar de mais frequente em equinos macho, tratava-se de uma ocorrência em leitoa.

Não foi possível determinar se o caso tinha relações congênitas, uma vez que os pais eram aparentemente normais. Não foi realizado nenhum tipo de mapeamento genético nos indivíduos envolvidos, já que o objetivo do relato foi registrar a ocorrência anatômica.

Portanto, foi determinada a relevante importância de analisar a frequência de tais malformações em escalas produtivas, uma vez que podem causar prejuízos econômicos para o produtor, com possível necessidade de castração e/ou descarte do animal afetado.

5- ANEXOS



Visceras abdominais (A) presentes no saco herniário, com presença do jejuno (1) e vista lateral (B) do suíno apresentando saculação (2) na região dos anéis inguiniais.

6- REFERÊNCIAS

CARVALHO, L. F. O.S. Malformações. In: SOBESTIANSKY, J. e BARCELLOS, D. **Doenças dos Suínos**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 535-536.

ADAMS, R. The genital sistem. In: KOTERBA, A. **Equine clinical neonatology**. Philadelphia: Lea & Febiger, 1990. sect.7, p. 490-495.

FRANDSON, R. D. **Anatomía y fisiologia de los Animales Domesticos**. Editorial Interamericana, S. A, 1967. Primeira edição. P. 317.

DUNNE, W. HOWARD Diseases of Swine. In: RUNNELLS, R. A. **Malformations**. The Iowa State University Press, 2001. Sect.6, chap. 43, p.571 – 572.

SIEGMUND, O. H. **El Manual Merck de Veterinaria: un manual de diagnostico y terapeutica para el veterinário**. Primeira edição. 1970. p.442-443.